
O surgimento da imprensa de Vitória da Conquista: cotidiano e política no início do século XX¹

Dannilo Duarte OLIVEIRA²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia

RESUMO

O artigo aqui apresentado é um recorte do projeto de pesquisa História Social e Cultural da Mídia Conquistense, que tem como objetivo apresentar como se constituiu os principais veículos de imprensa de Vitória da Conquista, a partir do século XX, até os dias atuais. Objetiva investigar o surgimento e desenvolvimento dos primeiros jornais, revistas, emissoras de rádios, canais televisões e sites jornalísticos que se constituíram na história da imprensa de Vitória da Conquista. O projeto busca contar não apenas o surgimento de cada veículo, mas discutir os aspectos sociais, culturais e políticos de sua formação e as relações de poder que se estabeleceram a partir do desenvolvimento de cada veículo em seu contexto social e político. Para este momento, o nosso recorte se limitará a análise das primeiras décadas do século XX, a saber os anos de 1910 até 1940, apresentando assim, o surgimento dos primeiros jornais impressos da cidade e suas relações com a política local.

INTRODUÇÃO

A história de um povo ou sociedade é construída e reconstruída a todo o momento. Contar a história e formação de uma localidade é fundamental para a preservação da sua dimensão histórica e cultural. Ao contar uma história de uma cidade é comum fazermos um recorte social e cultural e esse é o nosso objetivo, pois visamos pesquisar sobre uma parte específica da história de Vitória da Conquista. Dessa forma, objetivamos pesquisar e apresentar como se deu a formação dos principais veículos de comunicação do município nos séculos XX e XXI. Vitória da Conquista sempre foi uma importante cidade da Bahia, com forte atuação na política baiana e com forte

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professor Titular do Curso de Jornalismo da UESB. Coordenador do Grupo de Pesquisa de Estudos do Jornalismo e Televisão – GPEJOR.

desenvolvimento econômico para a região Sudoeste. Esta influência e este desenvolvimento tem relação direta também com o surgimentos dos principais veículos de imprensa desde o início do século XX. Portanto, queremos contar parte da história da cidade a partir dos seus meios de comunicação e suas relações sociais, culturais e político-econômicas. Isso implica dizer que é preciso tomar consciência de como os principais veículos de imprensa e mídia se constituíram e como mudou a forma das pessoas lerem o mundo, de se informarem, de se encontrarem e de se relacionarem com os outros. Por fim, é evidente a carência informações acerca da mídia conquistense, pois, em uma pesquisa prévia, identificamos que não há nenhuma produção científica sobre a história dos meios de comunicação locais e nenhum livro ou artigo a esse respeito. Há algumas produções feitas por jornalistas e memorialistas locais. Neste momento iremos apresentar um análise a partir de um recorte temporal das décadas de 1910 a 1940, apresentando o surgimento do primeiro jornal impresso de Vitória da Conquista e os periódicos que nascem posteriormente, bem como suas relações com a sociedade e política local.

METODOLOGIA

Partiremos do método baseado na História Oral, pois “é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (DELGADO, 2006, p.15). É a estratégia metodológica que dá base à produção de fontes oriundas de depoimentos. Dessa forma, a partir dos documentos como jornais, revistas, atas de fundação, publicações e depoimentos de pessoas envolvidas nos meios de comunicação, serão tratadas como fonte de trabalho para o pesquisador.

Assim, do ponto de vista metodológico, em primeiro lugar, é imprescindível o levantamento e a leitura de estudos existentes sobre a história local da cidade, seus aspectos de formação política e cultural. Em seguida, buscaremos informações sobre a história dos meios de comunicação da cidade, seu crescimento e expansão. Fazemos um levantamento histórico dos primeiros jornais e revistas, publicados entre 1910 a 1940, a partir dos arquivos do Museu Regional da Uesb, do Arquivo Municipal de Vitória da Conquista, do Memorial Régis Pacheco, Câmara de Vereadores e coleções particulares de jornais antigos.

Lançaremos mão também da Análise do discurso, a partir dos estudos de Eliseo Veron (a partir dos anos 1970), buscando a superação da análise interna, de uma determinada obra, ou seja, do texto encerrado em si mesmo. Partindo para uma análise da produção do sentido, influenciado pelas gramáticas gerativas, que, a partir de um texto, se propunha a reconstituir o processo de criação do sentido a partir das condições de produção do texto (VERÓN, 2005). Ou seja, em quais condições determinado texto foi produzido e em qual contexto histórico e social. Isso nos ajuda olhar para o surimento dos jornais que iremos analisar.

Em outro momento, Verón (1980) vai dizer que o processo de produção de um discurso tem sempre uma forma de operações discursivas, operações nas quais matérias significantes são investidas de sentido (VERÓN, 1980). Por meio das operações discursivas, rastros são deixados na superfície textual, marcas do processo de produção social dos discursos. Percebe-se, que o discurso é, em algum momento, um lugar de manifestações de rastros e marcas da instância de produção (1980).

Trata-se, para nós, de conceber os fenômenos de sentido como tendo, de um lado, sempre a forma de investimentos nos conglomerados de matérias significantes. E como remetendo, de outro lado, ao funcionamento da rede semiótica conceptualizada como sistema produtivo. Esses investimentos são suscetíveis de ser descritos como conjuntos de processos discursivos. (VERÓN, 1980, p. 190)

Veron (1980) tenta superar uma visão da semiótica francesa que restringia o sentido do texto, apenas aos elementos internos do texto.

A Conquista: o primeiro jornal impresso de Vitória da Conquista

Há um ditado popular que diz que não há nada mais velho ou antigo do que as notícias do jornal de ontem. No entanto, os jornais de ontem, de décadas atrás ou do século passado, nos contam muitas histórias sobre a formação e o contexto de uma determinada sociedade. Além disso, um jornal antigo, conta a história de si mesmo, da imprensa e dos personagens envolvidos na construção dele e das notícias ali veiculadas e da própria localidade e seu contexto. Dessa forma, mergulhamos na busca dos primeiros jornais que iniciam a história da imprensa de Vitória da Conquista, terceira maior cidade da Bahia.

Esse desafio de contar a história social e cultural da imprensa conquistense se inicia a partir dos anos de 1910.

Segundo Oliveira (2005) de acordo com “historiadores e pessoas mais idosas da cidade, um pequeno jornal manuscrito, feito por Ernesto Dantas Barbosa, de nome A Palavra, foi o primeiro periódico de Conquista, mas não sobrou um exemplar para contar a história” (OLIVEIRA, 2005, P.65). Como informa o autor, se tratava de um manuscrito, mas em termos de jornal impresso em tipografia, A CONQUISTA foi o primeiro semanário da cidade. Para Oliveira (2005) o nascimento do jornalismo em Vitória da Conquista (1910-1920) foi marcado por tragédias na época dos coronéis, “os quais não toleravam críticas e denúncias contra suas pessoas e seus atos” (p.65)

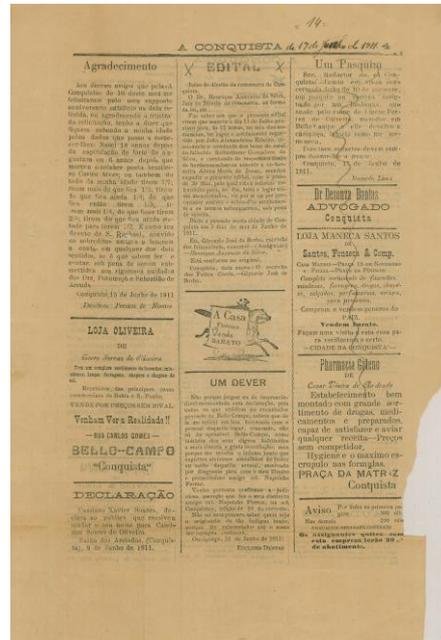
Segundo pesquisas realizadas no arquivo municipal de Vitória da Conquista, na Revista Histórica de Conquista³ (VIANA, 1985) e em uma coleção particular do professor e advogado Dr. Ruy Medeiros, o primeiro jornal impresso da cidade foi fundado em 14 de maio de 1910. O jornal semanário A CONQUISTA, foi criado pelos advogados Bráulio de Assis Cordeiro Borges e José Desouza Dantas. Em sua primeira página, A Conquista se intitulada em caixa alta de um “HEBDOMANDÁRIO INDEPENDENTE”.

A ideia da fundação de um jornal neste Cidade, impresso em máquina, cresceu e frutificou tornando-se realidade graças a clarividência dos audaciosos vultos que passaram para a Nossa História: Drs. Bráulio de Assis Cordeiro Borges e José Desouza Dantas (assinava ‘Desouza’), ambos bacharéis em Direito e de comprovada cultura, que instalaram a “Tipografia Minerva” situada na Rua Município de São Vicente, e enfrentaram as maiores dificuldades da época, transportando todas as barreiras encontradas na obstinada luta e imprimiram o primeiro jornal que circulou nesta querida Terra no memorável dia 14 de Maio de 1910, que em homenagem à cidade, recebeu o nome de A CONQUISTA” (VIANA, 1985, p. 726 -727).

Mas, essa independência durou pouco, pois segundo Anibal Viana, em publicação da Revista Histórica de Conquista – livro 2, informou que de sua fundação até Novembro daquele ano: hebdomadário independente, sendo redator Desouza Dantas e redator secretário Bráulio Borges. Mas, “em Dezembro de 1911, era órgão do ‘Partido Republicano Conservador’ sendo redatores, Desouza Dantas, seu irmão Euclides de

³ Cabe ressaltar que A Revista História de Conquista (VIANNA, 1985), não se trata de uma publicação acadêmica ou científica. Trata-se de uma revista editada por um jornalista local, em que copilava notas de acontecimentos distintos ocorridos na cidade e região. Uma espécie de diário noticioso, que foi sendo escrito ao longo de anos e teve reunido diversos assuntos, inclusive, o surgimento de alguns jornais da cidade, a chegada do telégrafo, das rádios, etc., mas por meio de notas curtas.

Souza Dantas e Manoel Dantas Barbosa, filho de Ernesto Dantas Barbosa” (VIANA, 1985, p. 727)”.
 Segundo Viana (1985), o jornal foi vendido alguns anos depois para a propriedade e direção de Climério Pinto, sendo o novo comprador a informar para sociedade, por meio de cartas a aquisição da gazeta. “Com a retirada de seus primeiros diretores para Salvador ‘A Conquista’ continuou a ser editada sob minha responsabilidade e de meu inesquecível amigo e companheiro de luta Euclides de Souza Dantas” (VIANA, 1985, p. 727). Com a ida de Euclides de Souza Dantas para Salvador, ele vendeu a sua parte da oficina, onde o jornal era impresso, para Climério Pinto, que assumiu inteiramente a gráfica e o jornal A Conquista. Após assumir o jornal, Climério nomeia Hormindo Cunha como seu novo redator. A Conquista circulou na cidade durante 6 anos.



Jornal A Conquista de 29 de outubro de 1944 Jornal A Conquista de 17 de Julho de 1911.

Fonte Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.

Segundo Viana (1985) e em consonância com alguns registros encontrados no Arquivo Público Municipal, outras publicações circularam na cidade a partir de 1912. O autor denominou de mini jornais, como O Cravo, que também era impresso na Tipografia Minerva, mesma tipografia que imprimia A Conquista. E também o jornal A Rosa, publicado antes de O Cravo. A Rosa era um pequeno jornal literário, dirigido por Deoclides Pereira Novais, e circulou até novembro de 1915. O Cravo foi publicado em 15 de novembro de 1912, pelo Coronel João Pereira da Silva e Anacleto Aleluia. Segundo

Viana, o jornal era humorístico, instrutivo e recreativo. “No seu artigo de apresentação está escrito: Tímido, receoso e humilde aparece hoje ‘O CRAVO’ na arena da publicidade”. Segundo Viana, o Cravo surge como uma resposta A Rosa, mas não eram rivais, pois os periódicos tinham propostas distintas.

O segundo jornal mais importante na segunda década do século passado, foi O Conquistense, fundado em 21 de maio de 1916 por Alziro Prates e o advogado Odilon Silva, com tipografia própria situada na antiga Praça 15 de Novembro, instalado em uma casa ao lado do Paço Municipal. “Jornal de muito boa feição, de tamanho 4, bem dirigido e redigido. O Sr. Ernesto Dantas foi seu brilhante colaborador” (VIANA, 1985, p.727).

O jornal O Conquistense era um jornal político, de oposição ao Partido Republicano Democrata da Bahia, que possuía diretório em Vitória da Conquista, chefiado pelo então Coronel Gugé, "cuja facção local, recebeu popularmente o nome de “Peduros” ou “Pesduros”. O jornal focalizado fazia a cobertura política dos adversários do Cel. Gugé, que eram chamados de “Meletes”” (VIANA, 1985, p.729). O Conquistense sustentava uma rivalidade com o jornal A Palavra, que defendia os interesses dos Peduros, ligados ao Coronel Gugé. A palavra ficava a cargo de um sobrinho do Cel. Gugé, Manoel Fernandes de Oliveira, conhecido como Maneca Grosso, que respondia as críticas publicadas no Conquistense.



Jornal O Conquistense, edição n. 1 de 21 de maio de 1916.
Fonte Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.

A primeira edição do jornal A Palavra foi publicada no dia 23 de junho de 1917, com um objetivo claro, que era defender os interesses políticos do coronel Gugé, da facção dos Peduros, então mandatário local, que ocupava o cargo de intendente do município. O jornal A Palavra rebatia as críticas publicadas no jornal O Conquistense, ligado ao movimento dos Meletes.

Aqui, destacamos o conflito de janeiro de 1919, conhecido como Conflito entre “Meletes e Peduros”, devido às várias nuances que o contornaram, desde a participação efetiva da imprensa, às articulações partidárias para manutenção e tomada de poder que teve, dentro da própria cidade, o palco de atuação de dois grupos rivais, oriundos de uma só e numerosa família. De um lado, estavam os partidários do Cel. Gugé, denominados de Peduros que eram do partido situacionista, e, do outro, a oposição com os chamados Meletes, que eram partidários do Cel. Emiliano Moreira de Andrade, mais conhecido por Maneca Moreira, parente do Cel. Gugé, mas, que apoiou o seu inimigo político Pompílio Nunes de Oliveira, em busca de mais espaço nas instâncias do poder local (MEDEIROS et al, 2009, p809).



Jornal A Palavra, Edição 22, de 06 de Dezembro de 1919.
Fonte Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.

A Palavra foi fundado pelo comerciante Demóstenes Alves da Rocha, natural de Brumado, com o apoio de amigos, visto que era partidário dos Peduros. A tipografia do jornal foi adquirida em Condeúba (Ba) das mãos de Helvécio Ribeiro, transportada para Vitória da Conquista em carros-de-boi, num percurso de 150 quilômetros, numa viagem que durou 20 dias. A Palavra foi instalado no histórico sobrado do Coronel Paulino

Fernandes (o sobrado foi demolido em 1973, atual sede do Banco do Brasil, no centro da cidade). O primeiro redator foi Maximiliano Alves Mousinho, seguido pelo médico Adalberto da Silva Portelada, que tinha como auxiliar o professor José Lopes Viana, pai do jornalista Aníbal Lopes Viana, e por Newton de Lima, em 1918. O jornal contou também com a colaboração de Ernesto Dantas e Euclides de Souza Dantas. Outros nomes importantes da história política de Vitória da Conquista também colaboraram com o jornal Bruno Barcelar e Newton Lima, cuja carreira literária foi iniciada pelas colunas de A Palavra, neste momento, com um viés mais literário. Mas, o que chamava atenção no jornal eram os polêmicos artigos publicados por Manuel Fernandes Oliveira vulgo Maneca Grosso, que era sobrinho do Coronel Gugé, e defensor do grupo político dos Peduros e do Gugelismo. (VIANA, 1985).

Este excelente jornal defendia com bravura e intransigência a facção política do Cel. Gugé, que era o grupo dos “PEDUROS” ou “PESDUROS”. Publicava os artigos de Manoel Fernandes de Oliveira (Maneca Grosso), defendendo a política situacionista. O último artigo de Maneca Grosso, intitulado “Situação de Conquista”, publicado no dia 25 de Dezembro de 1918, através do qual, causticou a política dos “MELETES” e especialmente a pessoa do Juiz de Direito da Comarca, tido geralmente como orientador dos atos da oposição, provocou a exaltação e a ira de todos os MELETES, que tentaram o empastelamento do bravo jornal, o que não foi feito, porque a redação ficou repleta de amigos de Demóstenes Rocha, dentre eles o Prof. José Lopes Viana, prontos para a defesa, havendo também a interferência de amigos de ambas as partes, para evitar a violência de imprevisível consequência (VIANA, 1985, p. 731)

Segundo o professor, historiador e advogado Dr. Ruy Medeiros (em entrevista realizada no dia 27 de abril de 2023), referência sobre as pesquisas nas áreas da política local e dos jornais da cidade, afirma que o jornalismo em Vitória da Conquista nasceu no século XX, a partir de 1910. Para ele se tratava de um jornalismo cuja sustentação se dava por parte de coronéis, comerciantes, fazendeiros e políticos, vinculados a Guarda Nacional. Como exemplo, cita o jornal A Palavra ligada as famílias Santos e Fernandes, uma facção ligada ao Coronel Gugé, que era descendente do fundador de Vitória da Conquista, João Gonçalves da Costa. O Coronel Gugé, governou a cidade de 1911 a 1915, e continuou a influenciar a política, até o ano de 1918, ano em que faleceu, “circunstância essa que acabou se tornando o estopim de um conflito armado que já vinha se formando há anos e que teve sua concretização em janeiro de 1919” (MEDEIROS, et all, 2009, p.809). Do outro lado tínhamos o jornal O Conquistense, ligado as famílias Ferraz e

Oliveira. Segundo Medeiros, entre 1910 a 1920, a política foi dominada pelos Santos e Fernandes, com participação também da família Correia. No entanto, houve um único opositor durante esse período que conseguiu ser intendente, o senhor Lima Guerra, que era ligado a Pompílio Nunes, que chefiava uma facção política ligada as famílias Ferraz e Oliveira.

No livro *História de Conquista: crônica de uma cidade* (TANAJURA, 1992) no seu capítulo 8 é apresentado os grupos Meletes e Peduros, que como vimos, possuem relação direta com a política local e com a imprensa:

De 1916 a 1919, apesar das famílias se constituírem numa endogamia, eminentemente rural, houve vários desentendimentos entre o Coronel José Fernandes de Oliveira Gugé, que chefiava o poder dominante, e o Coronel Manoel Emiliano Moreira de Andrade, mais conhecido por Maneca Moreira, que liderava o grupo oposicionista.

A imprensa, surgida em 1910, com o aparecimento dos primeiros jornais, foi responsável pela agitação e publicação de debates políticos entre homens de letras, ocorridos naquele período. Entre estes intelectuais se achava Manoel Ferraz de Oliveira (Maneca Grosso) ao qual já fizemos alusão no início deste livro. Manoel Fernandes Oliveira defendia a política do Coronel Gugé e os oposicionistas criticavam veementemente os desmandos do que detinham o poder municipal.

Enquanto um grupo defendia, outro criticava e assim os fatos iam se desenrolando quase que normalmente, apesar da divisão que já se fazia notar entre os dois grupos. Estes passaram a ser conhecidos por Meletes e Peduros, na fase de maior rivalidade. (TANAJURA, 1992, p. 62-63.)

Acima temos mais uma citação em referência ao conflito entre os grupos políticos Meletes e Peduros, e a relação dos coronéis, políticos e da imprensa local, comandados por estas castas. Apesar da influência dos jornais *O Conquistense* e *A Palavra*, outros pequenos jornais circularam ainda na primeira e segunda década, do século passado.

Entre 1917 a 1918 circulou *O Intrépido*, dirigido pelo advogado Odilon Silva. Circularam também os jornais *O Tímpano* e *O Timoneiro*, mas sem periodicidade. Nos Anos de 1918 a 1921, circulou também o *Radiograma Celeste*, um pequeno jornal propagador de seita espírita. Seu diretor e redator foi o Sr. Francisco Soares de Andrade, conhecido por Cel. Chicão.

Em 1920 volta à cena novamente o jornalista Alziro Prates, que foi o fundador de *O Conquistense*. Agora Alziro funda o semanário *A Notícia*, cuja circulação se iniciou em janeiro de 1920. Os redatores do jornal foram Ernesto Dantas Barbosa, seu filho Flaviano Dantas, Euclides de Sousa Dantas e o redator-secretário Oscar da Costa e Silva.

Desta vez, A Notícia, tinha uma linha editorial mais popular e trazia notícias do cotidiano. “Foi, realmente, um brilhante jornal sertanejo. Grande na dimensão e no conteúdo, graças aos mestres que o redigiram. Foi autêntico porta-voz do povo” (VIANA, 1985, p. 731). A Notícia deixou de circular em 1930, após uma década em atividade. “A Revolução de Outubro⁴ foi a causa do seu desaparecimento porque Dr. Régis Pacheco era seu diretor-proprietário e perdeu as posições de chefe político” (VIANA, 1985, p. 731).



Jornal A Notícia, edição 56 de 24 de fevereiro de 1926.
Fonte Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.

Mais uma vez, percebemos que as questões políticas eram determinantes para o surgimento e também extinção dos jornais. A medida em que os grupos políticos iam se revertendo no poder local, jornais eram criados para atuar como aliados ou oposição de determinados grupos políticos, capitaneados pelos coronéis, comerciantes, fazendeiros e lideranças locais.

Outro veículo que travou batalhas políticas na década de 1920 foi o jornal A Semana. A primeira edição do jornal foi publicada em 22 de junho de 1923. A Semana foi fundado por Deoclides Pereira de Novais e conforme constava no seu cabeçalho o Coronel Deraldo Mendes Ferraz, assumiu a responsabilidade da direção do jornal. O

4A Revolução de Revolução de 1930 foi o movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, também conhecido como Golpe de 1930, que depôs o presidente da República Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha. Getúlio Vargas assumiu a chefia do "Governo Provisório" em 3 de novembro de 1930, data que marca o fim da República Velha no Brasil.

médico Adalberto Portelada foi seu redator e em dezembro do mesmo ano, o Sr. Deoclides Novais assumiu a sua direção. A redação do semanário no seu primeiro ano, era situada na antiga rua Visconde do Rio Branco, atual rua Francisco Santos, no centro da cidade. Depois mudou-se para o Beco da Tesoura n. 7, atualmente Alameda Lima Guerra, centro. “Jornal político que travou batalhas polêmicas com “A Notícia”. Acompanhava a facção política chefiada pelo então Intendente Sr. Justino Gusmão” (VIANA, 1985, p. 731).



Jornal A Semana, edição 22 de 1 de abril de 1925.
Fonte Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.

O jornalista Deoclides Pereira de Novais, antes de fundar o jornal A Semana, foi comerciante e também exerceu o cargo de Delegado de Polícia do município.

Como vimos o jornal A Notícia defendia os interesses do então Intendente Coronel Gugé. Com a mudança política na cidade, que passou a ser dirigida por Justino Gusmão, foi criado o jornal A Semana, para fazer a defesa do novo grupo político e rebater as críticas que eram publicadas pelos Peduros no jornal A Notícia.

Como era de se esperar, o grupo que era contrário ao Coronel Gugé também passou a colaborar com o jornal A Semana. Desta forma, Euclides Dantas, Laudionor Brasil, Bruno Barcelar e Newton Lima, foram colaboradores de A Semana, que teve uma vida longa para os jornais da época, sendo editado até novembro de 1930. “Deixando Saudosa recordação, principalmente dos artigos que publicava quando respondia aos ataques de “A Notícia”, com a qual manteve fortes polêmicas. Era bem redigido e de boa

feição, incluindo-se entre os bons jornais do interior naquela época” (Viana, p.1985, p.732).

Outros pequenos jornais circularam em Vitória da Conquista, vinculados a grupos estudantis ou a Igreja. O jornal O Porvir era editado pelos alunos do Educandário Sertanejo, do professor Euclides Dantas e sua primeira edição circulou no dia 1º de outubro de 1921. Seu redator chefe foi o estudante Florentino Mendes de Andrade, o secretário foi Plínio Dantas Lima e o tesoureiro Orlando Borges Bahia, estudantes da mesma escola (VIANA, 1985, p.732).

Com o fim da circulação dos jornais O Conquistense e A Palavra, mais uma vez Alziro Prates e seu cunhado Demóstenes Rocha fundaram o semanário O Sertão em 1920, mas não circulou por mais de um ano.

Outro jornal, vinculado a Igreja, foi O Clarim, órgão de propaganda da festa de 15 de Agosto, Dia da Padroeira Nossa Senhora da Vitória. O jornal iniciou suas atividades em janeiro de 1926, e possuía publicação mensal, sob a direção dos juizes da Festa, Sr. Durval da Costa Pinto e D. Cândida Silveira Cardoso. Circularam também em 1926 os jornais A Vanguarda, um semanário fundado e dirigido pelo escritor conquistense Yolando Fonseca, cuja primeira edição foi publicada no dia 7 de Dezembro de 1926.



Capa da Edição n. 02 de A Vanguarda de 30 de novembro de 1926.
Fonte Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.

Circulou também a primeira revista de Vitória da Conquista, A Ribalta, revista literária de publicação mensal. Era o órgão oficial do Grêmio Dramático Castro Alves,

com a primeira edição no dia 7 de Dezembro de 1926. Laudionor Brasil, Newton Lima, Camillo de Jesus Lima, Bruno Barcelar, Dr. Argemiro Silva e Erasthósthene Menezes foram os diretores e redatores desta revista, impressa na Tipografia de ‘A Vanguarda’ (VIANA, 1985, p.732).

Um fato curioso é que em 1926 a festa da padroeira da cidade que era comemorada em 15 de agosto, passou a ser comemorada em 8 de dezembro. Nota-se que a revista A Ribalta, foi publicada no dia anterior. Outro fato interessante é que quem dá sustentação a revista é o grupo político que editava o jornal O Conquistense.

Caminhando para o final da década de 1920, Laudionor de Andrade Brasil, que era escritor, poeta e jornalista funda mais um jornal, O Combate, que circulou pela primeira vez no dia 11 de agosto de 1929. A redação de O Combate era situada na antiga Praça 15 de Novembro. Nesse momento nomes consagrados da imprensa conquistense se unem a Laudionor, como Euclides Dantas, Flaviano Dantas de Oliveira, Clóvis Lima, Camillo de Jesus Lima, Mário Padre, Raymundo Brito, Erasthósthene Menezes e Argeu Ferreira. O jornal O Combate teve vida longa e em março de 1950, com a morte de Laudionor Brasil, o seu irmão Claudionor Brasil assume o jornal, tendo como redator o Dr. Raymundo Oldegar de Azevedo, que também possuía importante influência na política local.



Jornal O Combate, edição n. 14 de 13 de dezembro de 1930.
Fonte Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.

De 1955 a 1958 foi dirigido pelos Drs. Orlando Leite e Nilton Gonçalves, que arrendaram a tipografia. O redator nesse período foi o renomado Padre Luiz Soares Palmeira, e os poetas Jesus Gomes dos Santos e Flávio Jarbas. Em 1959, completando 30 anos de circulação, passou a ser dirigido por Reginaldo Carvalho Santos, que era genro de Laudionor, e continuou a circular regularmente até maio de 1964. Com o Golpe Militar de 1964 e com a mudança no sistema político do país para um governo militar, O Combate foi fechado, após 35 anos em atividade.

Outro jornal que circulou e foi contemporâneo de O Combate, foi o Avante, fundado, dirigido e redigido pelo jornalista Bruno Barcelar de Oliveira. A primeira edição do semanário foi publicada em 27 de maio de 1931. Porém, o Avante teve uma vida curta e circulou até 3 de novembro de 1933. O jornal era independente e talvez isso explica a sua curta duração, pois foi alvo de grupos políticos. “Não sufocando a palavra de Bruno através das colunas de seu jornal [...], seus inimigos políticos arquitetaram e usaram outra violência maior: incendiaram a sua tipografia, situada na Praça 9 de novembro onde era impresso o jornal Avante” (VIANA, 1985, p. 735).

Em breve resumo sobre a vida de Bruno Barcelar, ele era tetraneto e descendente do fundador de Vitória da Conquista, João Gonçalves da Costa, por parte do seu pai, pois era filho de José Nunes de oliveira e de Mariana Fagundes Barcelar. Como político, Bruno ingressou em 1929 no Diretório do Partido Liberal Republicano Conquistense, fundado em 10 de novembro de 1929, do qual era presidente Deraldo Mendes e Bruno ocupava o cargo de 2º secretário. Fato relevante que é que com a Revolução de 1930, com o presidente Vargas, o atual intendente da cidade Otávio Santos foi deposto do cargo e Bruno Barcelar assumiu a Intendência por alguns dias. Depois da nomeação do Coronel Deraldo Mendes, para o cargo de Intendente, Bruno rompeu com o Partido e em maio de 1931 fundou o jornal Avante, fazendo oposição aos seus antigos companheiros. Tal fato explica a perseguição política sofrida e o fechamento do seu jornal após o incêndio. Em 1935, Bruno Barcelar fazia parte da corrente política oposicionista liderada por Dr. Régis Pacheco, e pelo Partido Autonomista da Bahia. Bruno foi candidato a vereador nas eleições de 1936, ficando na suplência (VIANA, 1985, p. 737).

Outros pequenos jornais circularam em vitória da Conquista (1985), mas o que se tem são apenas informações do surgimento e dos fundadores. Abaixo segue uma lista desses periódicos.

Jornal Alvorada, era um jornal de pequenas dimensões. Circulou pela primeira vez no dia 7 de setembro de 1932. O jornal era dirigido pelos estudantes Ivaní Cardoso e Waldemar Borba Fróis, alunos do colégio Marcelino Mendes.

O semanário O Labor, fundado por Manoel José do Nascimento em 1º de maio de 1934, sendo extinto em 1937, devido a problemas financeiros. O jornal contou com a colaboração de Bruno Barcelar, Adson Costa, Camillo Lima, Clóvis Lima, Manoelito Melo e Joaquim Viana de Andrade.

Com a chegada do jornalista Albertino Gonçalves de Oliveira, da cidade de Castro Alves, para Vitória da Conquista, este fundou o jornal A Razão em 18 de novembro de 1935. “Nesse tempo já circulavam ‘O Combate’ e ‘A Luta’ o que deu lugar aos críticos indagarem: - com quem está A RAZÃO da LUTA do COMBATE, contra o Integralismo” (VIANA, 1985, p.738). Segundo o autor, nessa época o Partido de Plínio Salgado estava em evidência em Vitória da Conquista, onde existia grande quantidade de ‘camisas-verdes’.

Como foi citado acima, o jornal A Luta passou a circular em 30 de Maio de 1936. Seu fundador foi o acadêmico e professor de Direito Luiz Gonzaga Bastos, apelidado de Lugoba. O jornal era um semanário independente literário e noticioso. O jornal era tido com um defensor dos interesses sertanejos liderado por Deraldo Mendes e seu sobrinho Florentino Mendes de Andrade. Deraldo era prefeito e isso lhe dava condições políticas e financeiras, para apoiar o jornal.

Em fevereiro de 1939, o jornalista Yolando Fonseca, fundou um segundo jornal, O Estado Novo, mais uma vez os personagens Manoelito Melo, o professor Francisco Fagundes Lima e Camillo Lima, foram colaboradores do jornal que era um porta-voz do movimento espírita na cidade, mas foi um periódico de curta duração (VIANA, 1985).

Esses foram os principais periódicos que circularam em Vitória da Conquista até o final da década de 30 e início dos anos 40, sendo caracterizados como jornais ligados aos principais grupos políticos e econômicos do município. Nesses 30 anos de imprensa, os coronéis, os políticos, fazendeiros e comerciantes, deram o tom e cara do jornalismo conquistense. Segundo Oliveira (2005),

A imprensa do final do século XIX e início do século XX, até por volta de 1950, temia as ações dos coronéis da política, e quem se atrevesse era punido com morte, agressões físicas ou fechamento de impressos. Formam inúmeros os casos de truculência. Com o banimento do coronelismo, a partir do Governo Getúlio Vargas, a oligarquia passada é substituída por outro dentro da evolução

da sociedade, mas os atos de arbitrariedades contra jornalistas continuaram, mudando apenas os métodos. Coronéis da e imprensa eram os dois maiores poderes nas comunidades do interior daquela época, só que os primeiros tinham a força da punição com as próprias mãos. (OLIVEIRA, 2005, p.65).

Segundo Oliveira (2005) os veículos porta-vozes dos coronéis tinha como alvo os jornais concorrentes, contrários a política dos coronéis, o que fazia com que a guerra fosse algo certo.

Considerações Finais

Como vimos, o início da imprensa conquistense foi marcada por muitas lutas e muito sangue, com interferência direta dos coronéis, fazendeiros e políticos que de certa forma, determinaram o modelo de imprensa da cidade por algumas décadas.

O nascimento da imprensa conquistense foi moldado a partir do contexto sociocultural e político-econômico de um país agrário e de uma pequena cidade em formação, com a cultura política arraigada no coronelismo e no mandonismo. A imprensa local era basicamente uma imprensa tendenciosa e opinativa, guiada e liderada por grupos políticos rivais.

REFERÊNCIAS

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 35-68.

DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GEERTZ, C. **O saber local**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997,

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

MEDEIROS, et all. **Poder político e educação nas primeiras décadas do Século XX.** Anais do VIII Colóquio do Museu Pedagógico, Vitória da Conquista, 09 a 11 de setembro de 2009.

OLIVEIRA, J. M. **A imprensa e o coronelismo no sertão do Sudoeste.** Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2005.

VIANA, A. L. **Revista Histórica de Conquista.** V. 1 e 2. Imprensa Gráfica de O Jornal de Conquista, Vitoria da Conquista, Ba, 1985.

VERÓN, E. **La semiosis social, 2 – ideas, momentos, interpretantes.** 1ª. Ed., Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Paidós, 2013.

_____. **A produção do Sentido.** Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cultrix, 1980

_____. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2005

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.